



## **Risco, impacto e drama: os sentidos alarmistas no enquadramento discursivo sobre mudança do clima na *Folha de São Paulo***

Mathias Lengert<sup>1</sup>

Rosiane Zanovello<sup>2</sup>

Cláudia Herte de Moraes<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise dos sentidos produzidos por reportagens sobre mudanças climáticas do jornal *Folha de São Paulo*. O *corpus* parte de um levantamento de angulações discursivas, previamente realizado, que indicou uma maioria de reportagens no ano de 2016 sobre a temática em tom alarmista. Com o intuito de investigar as marcas que revelam os sentidos desse ângulo e descobrir como elas se relacionam ao enquadramento discursivo das reportagens (Moraes, 2015), foram utilizados procedimentos metodológicos referentes à análise do discurso (Pêcheux, 1983; Orlandi, 2009; Benetti, 2008). Os resultados sugerem o uso dos sentidos alarmistas como forma de buscar responsáveis, alertar e sensibilizar o leitor, de acordo com as motivações de cada sentido.

**Palavras-chave:** Jornalismo ambiental; enquadramento discursivo; mudanças climáticas; reportagem; *Folha de São Paulo*.

### **1. Considerações iniciais: jornalismo ambiental e a espetacularização da notícia**

Relatórios<sup>4</sup> que definem o agravamento de mudanças climáticas nas últimas décadas, principalmente em decorrência do aquecimento global, ampliaram a presença de

---

1 Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq do projeto de pesquisa "Enquadramentos discursivos em reportagens sobre o futuro do planeta". E-mail: mathias.lengert@gmail.com

2 Graduada de Jornalismo da UFSM campus Frederico Westphalen. Bolsista de Iniciação Científica FIPE-UFSM do projeto de pesquisa "Enquadramentos discursivos em reportagens sobre o futuro do planeta". E-mail: rosizanollo@gmail.com

3 Orientadora da pesquisa. Professora da UFSM campus Frederico Westphalen. Doutora em Comunicação e Informação. Líder do Grupo de Pesquisa Mídiação - Educomunicação e Meio Ambiente (CNPq). E-mail: chmoraes@gmail.com

temas ambientais no âmbito das práticas jornalísticas. O presente trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo e delimita-se, especificamente, sobre reportagens coletadas dentro do tema “mudança climática” no veículo de comunicação impresso *Folha de São Paulo*<sup>5</sup> no ano de 2016. A escolha do jornal ocorreu pela premissa de jornalismo de referência<sup>6</sup>. A presença do ângulo discursivo alarmista, que será elucidada posteriormente, é discutida tendo-se como objetivo compreender como o jornal constrói o discurso dos problemas e alarmes ambientais e discutir de que forma os sentidos encontrados se relacionam à existência de notícias-espetáculo.

Salientamos que práticas jornalísticas relacionadas à mudança do clima se constituem dentro do bojo do jornalismo ambiental que, segundo Bueno (2007), se conceitua como um processo de apuração e veiculação de matérias comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo. A partir dessa visão, o jornalista é incubido da responsabilidade de estar engajado com a pauta de cunho ambiental. Segundo Girardi et al. (2012, p. 137) o jornalismo ambiental transpassa uma especialização jornalística engajada e comprometida se configurando como “independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica para além de uma cobertura factual ou programada”. É função do jornalista permitir a manifestação e o relato de humanização dos indivíduos sem especialização, afinal, o jornalismo ambiental é de fundamental importância na manutenção da cidadania do homem, como afirmam Girardi et al. (2012, p. 139), ao pontuar que “a divulgação das notícias ambientais possibilita novas percepções sobre os impactos sentidos no dia-a-dia e serve como motivação para a busca de alternativas”. A educação, junto à informação jornalística é essencial para esse processo. Isso leva à sensibilização do indivíduo do seu papel na sociedade. Além disso, o jornalismo ambiental é “praticado a partir da ideia de sustentabilidade e, assim, valoriza tanto a cultura e o meio ambiente, quanto a economia e a política. Esta ideia deve permear as

---

<sup>4</sup> Podem ser consultados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - IPCC em <<http://www.ipcc.ch/index.htm>>

<sup>5</sup> Fundada sob o nome “Folha da noite” em 1921, recebeu o nome atual em 1960. Segundo o próprio, é o jornal mais vendido do Brasil entre diários e de interesse geral desde 1980 com circulação e tiragem média superior a 320 mil exemplares semanais. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>

<sup>6</sup> Para Zamin (2014, p. 939) o jornalismo de referência se define “como aquele que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual se dirige”. Sobretudo, a partir do viés do contrato da comunicação, a autora define tradição, credibilidade, seriedade, reflexão e orientação internacional como marcas de um jornal de referência.

reportagens que buscam maior aprofundamento contextual e a oferta de diversas visões de mundo (MORAES, 2016, p. 73).

Ao abordar as reportagens ambientais de angulação alarmista, é preciso atentar à casualidade de existência de notícias-espetáculo que, seguindo as premissas de Coan (2011), são lógicas criadas por empresas jornalísticas que selecionam e ocultam fatos em busca da construção do “espetacular”. Portanto, há um realce da importância ou gravidade do fato, proposição confirmada pelo autor que afirma que “há maior preocupação com índices de audiência, para a qual a informação é uma mercadoria, do que com a ‘prestação de um serviço público’, para a qual a informação é um ‘bem social’” (p. 24). O conceito de Coan se inspira em Marcondes Filho (1986), que defende que ao passo que o acontecimento se torna mercadoria ela é revestida de aparência, impacto e drama. Já para Arbex Júnior (2001) a espetacularização da notícia é o resultado de uma criação midiática em forma de uma narrativa propriamente criada com o intuito de fazer com que fatos ganhem visibilidade, com caráter autônomo, se provando “sedutores e ‘vendáveis’ como ‘produto’” (p. 73). A notícia-espetáculo, no jornalismo ambiental, representa, segundo Bueno (2007), o uso do meio ambiente, notavelmente em matérias de acidentes ambientais e alarmes de mudanças climáticas, por grandes empresas de comunicação que visam o aumento da audiência.

Apresentamos, na sequência, a discussão teórica trazendo conceitos de reportagem, discurso jornalístico e enquadramento discursivo. Após são explicitadas as escolhas metodológicas para a realização da pesquisa. Por fim, as análises discursivas realizadas são contextualizadas a partir do referencial teórico na relação com os objetivos enunciados nesta introdução.

## **2. Jornalismo, reportagem e enquadramento discursivo**

Para que se compreenda as premissas do jornalismo deve-se considerar seu processo de construção discursiva. Mas antes de esmiuçar essa relação entre discurso e jornalismo, cabe destacar o objeto prioritário da pesquisa que são as reportagens. Neste sentido, apresentamos os conceitos de reportagem, que orientam nossa escolha metodológica.

Há uma distinção clássica de reportagem, entendida como uma notícia ampliada. No entanto, às vezes torna-se confuso delimitar as diferenças de uma notícia e de uma reportagem. A reportagem, para Lage (2012), compreende desde a simples complementação de uma notícia até o ensaio capaz de revelar, com base na prática histórica, conteúdos de interesses permanente.

Na prática contemporânea do jornalismo impresso, existe a tentativa de transformar em reportagem cada fato programado. Mesmo um fato inesperado pode ser complementado rapidamente por uma reportagem, ao passo que a indústria jornalística aprimora técnicas e processos eficientes para a coleta e processamento de dados (LAGE, 2012, p. 107).

Na perspectiva de Sodré & Ferrari (1986) uma função distintiva entre noticiar e reportar está no modo como a reportagem conduz o leitor a um posicionamento mais crítico, revelando ângulos insuspeitados, ampliando desse modo a visão sobre determinado tema. Contudo, às vezes, as fronteiras entre os gêneros se tornam imperceptíveis, principalmente quando as notícias apresentam a informação de maneira contextualizada.

Ao discorrer sobre a diferença entre notícia e reportagem, Lage (2001) defende que a primeira trata de um fato novo, o que, não necessariamente ocorre na reportagem. Essa visão leva a compreensão de que a reportagem é um aprofundamento de uma notícia em vista da especialização do meio em busca de competição mercadológica.

Considerado um jornal de referência no país, o *Folha de São Paulo*, em seu Manual da Redação (2007), define que as reportagens visam transmitir ao leitor, informações novas, objetivas e precisas, para isso se valem de ganchos provenientes da realidade.

Ao tratar de reportagem, Bueno (2007) defende parâmetros importantes quando essa é vinculada à temática ambiental, tais preceitos diferem a reportagem desse tema daquela de cunho geral. Isso decorre em consequência do “ethos” da reportagem ambiental: ela é comprometida por essência, abrange diversas áreas e não restritiva de foco, dialoga e indica mudança de comportamentos necessários. O autor defende o engajamento do jornalista com a pauta e com os problemas que precisam ser solucionados, “a pauta ambiental, portanto surge como decorrência de uma militância cívica não partidária” (p. 37). O engajamento do jornalista com a causa está ancorado às premissas da

educomunicação<sup>7</sup>, defendida por Dornelles (2008, p. 128), que afirma que “é praticamente consenso, pelo menos nos meios acadêmicos, que o jornalismo pode e deve ter um papel no reforço da cidadania, melhorando o debate público e ressuscitando a vida pública”. Além disso, a reportagem ambiental é, segundo Bueno (2007), complexa, e engloba tanto campos técnicos e científicos, já comuns no âmbito jornalístico diário, bem como campos sociais, econômicos e políticos, por exemplo.

Diante dessas especificações de reportagens, relaciona-se a concepção de Moraes (2015), na qual o jornalismo atua em função da atualidade e do encaixe que os acontecimentos ambientais têm em relação ao seu próprio fazer característico, entre eles a tendência a buscar a novidade em tudo que se movimenta no mundo.

É neste sentido que o conceito de enquadramento pode ser acionado, a medida que nosso estudo se conduz a discutir de que forma o jornalismo cerca o fato e o transforma, discursivamente, no acontecimento jornalístico, considerando que o enquadramento discursivo é compreendido como “um processo no qual as interpretações, construídas simbolicamente pelo campo jornalístico, organizam discursivamente o conhecimento sobre o acontecimento, com marcas de seleção, ângulo e ênfase” (MORAES, 2015).

Ao relacionar discurso e jornalismo, Benetti (2008) ressalta que é preciso considerar inicialmente as restrições relacionadas principalmente ao tempo e espaço. Ainda segundo a autora compreende-se socialmente que o jornalista possui função de disseminar informação e contribuir para a construção da cidadania. Desse modo, ela enquadra o discurso jornalístico como “guiado pelo princípio soberano da atualidade, além de valores como interesse (público ou segmentado), notoriedade dos sujeitos e ineditismo” (BENETTI, 2008, p. 22).

Nessa construção, Moraes (2015) considera a noção de enquadramento produtiva para a reflexão sobre as possibilidades de construção dos acontecimentos jornalísticos. Isso porque há sempre mais de uma maneira de dizer/entender um fato, e relatar algo sobre determinado fato, a partir disso que as escolhas do Jornalismo são resultado do caráter estrutural que se instaura no processo discursivo.

---

<sup>7</sup> Ver “Educomunicação: um campo de mediações” em:  
<<http://www.journals.usp.br/comeduc/article/view/36934>>

Embasados nessa discussão, observamos que o enquadramento discursivo possibilita observar de que modo os sentidos são construídos no texto. No item a seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos do estudo.

### **3. Análise discursiva**

Para realizar a pesquisa, trabalhamos com a análise dos enquadramentos, com aporte teórico-metodológico fornecido pela Análise do Discurso (AD) para a análise das reportagens. Na análise de discurso, o objeto é o próprio discurso, concebido por Pêcheux (1983), como uma relação a memória discursiva, sendo que essa traz a ideia do inconsciente e da ideologia.

De acordo com Moraes (2015), a oferta de sentido está relacionada à seleção de um enquadramento, que pode ser considerado um “tom do discurso”, e isso pressupõe a exclusão — ou diminuição — de outros sentidos. Isto é, ao se posicionar em relação aos acontecimentos há sempre algo que é deixado de lado. Seguindo nessa linha, Benetti (2008) considera que o discurso é pleno de possibilidades de interpretação. Para analisá-lo, no entanto, é necessário considerar o contexto de produção de sentidos.

A fim de entender esses sentidos, associa-se ainda a definição de interdiscursividade, em que um discurso se vincula a outro, estabelecendo uma conexão entre o já dito e o não dito. Essa correlação baseia-se no interesse do analista, que busca as propriedades internas ao processo discursivo: condições, remissão a formações discursivas, modo de funcionamento. Ao considerar esses fatores é possível tomar como referência elementos constitutivos de suas condições de produção e sua relação com o modo de produção de sentidos, com seus efeitos. (ORLANDI, 2009, p. 86).

Por essa interação, de acordo com Bakhtin (1979; 1981), conforme citado por Benetti (2008, p. 107), o discurso caracteriza-se como dialógico, e assim, pode ser pensado em dois planos: a essa relação entre discursos e também a relação entre sujeitos. Além dos estudos sobre sentidos, a interdiscursividade, a relação entre os sujeitos remete a intersubjetividade, onde um discurso não existe por si mesmo, ele acontece em um espaço entre os sujeitos.

Nessa perspectiva, Benetti (2008) destaca que, mesmo que dialógico, o discurso não é necessariamente polifônico, ou seja, com circulação de diversas vozes, que podem ser as fontes, o jornalista indivíduo que assina o texto bem como o jornalismo enquanto instituição. Assim, o discurso jornalístico é por definição plural, logo, seria de se esperar que o texto jornalístico expressasse, ao menos em parte, a pluralidade de visões sobre um determinado tema, o que nem sempre acontece.

Além desses fundamentos atribuídos à AD, é preciso compreender o conceito de angulação discursiva, que está inclusa na perspectiva do enquadramento do discurso. Especificamente, as angulações do discurso são perceptíveis, para Moraes (2015) ao observarmos o conteúdo da reportagem e a motivação da publicação. Nas questões da mudança do clima, os ângulos podem ser segmentados em quatro categorias: institucional, decorrente de negociações globais e decisões políticas sobre meio ambiente; científica, detentor de resultados de pesquisas e dados científicos; econômica, que aborda impactos monetários das mudanças climáticas e alarmista, que está relacionada a divulgação de catástrofes, previsões de mudanças do clima e eventos extremos. Especialmente, este último ângulo apresentado será usado como delimitador do *corpus* do presente trabalho.

### 3.1 Explicitação dos objetos e corpus

Tratado o aporte teórico-metodológico do presente trabalho, é preciso considerar as premissas que nos guiaram até o objeto de análise. Foram observados na pesquisa reportagens (o que compreende a exclusão de notícias, notas, colunas de opinião, e demais textos jornalísticos) que possuem como tema “mudança climática”. A coleta do *corpus* abrangeu o ano de 2016. A pesquisa encontrou 16 reportagens sobre a temática no jornal *Folha de S. Paulo*, um veículo de comunicação de alcance nacional no Brasil, e como já explicado anteriormente, um jornal considerado de referência no país. Entre as 16 reportagens, 11 são de angulação alarmista, isto é, relacionada a alguma catástrofe, evento extremo ou alerta de mudança climática.

Reportagem, para a pesquisa, ficou definida como: o texto de aprofundamento da notícia (Lage, 2012) que conduz o leitor a um posicionamento crítico (Sodré & Fer-

rari, 1986). No âmbito ambiental deve englobar diversos campos (Bueno, 2007) e ser comprometida com uma visão de mundo que busque defender a cidadania (Dornelles, 2008). A partir disso, apresentamos a análise discursiva destas reportagens buscando compreender os sentidos do discurso alarmista.

#### 4. Discussão das angulações no enquadramento discursivo

Após a coleta, foram definidas 11 reportagens com angulação alarmista no jornal *Folha de São Paulo* e, que, por conseguinte foram enumeradas na seguinte sequência para fins de análise.

<i>Folha de São Paulo</i>			
Nº	Data	Título	SDs
1	21/01/2016	2015 foi o ano mais quente desde 1880	SD 1, 2, 11 e 13
2	16/04/2016	Aquecimento mata recifes de coral	SD 10 e 38
3	16/04/2016	Elevação dos mares preocupa Nasa	-
4	18/04/2016	Nasa se prepara e faz contagem regressiva para mudança climática	SD 8
5	23/04/2016	Seca paralisa desenvolvimento de Zâmbia	SD 3 e 17
6	30/04/2016	Mudança climática intensifica incêndios	SD 1 e 3
7	11/07/2016	Amazônia pode ter recorde de queimadas	-
8	17/07/2016	Costa brasileira tem recorde de baleias encahadas e mortas	SD 5 e 16
9	23/07/2016	Fim de lago ameaça identidade cultural	SD 5 e 15
10	05/09/2016	Queimadas crescem no parque do Xingu	-
11	01/12/2016	Morte de insetos põe agricultura em risco	SD 1

Tabela 1: Títulos e sequências discursivas das reportagens analisadas no presente trabalho. Traço indica que não houve análise de SD da reportagem indicada.

Posteriormente, todas as reportagens foram verificadas em busca de marcas discursivas que pudessem caracterizar os efeitos de sentido e assim, o tom discursivo das reportagens do *Folha de São Paulo* perante temáticas ambientais. Tal verificação das



marcas foi seguido por um mapeamento de sequências discursivas (SDs) que, por conseguinte, foram selecionadas pela exemplaridade<sup>8</sup>. Após a verificação das 11 reportagens pôde-se delimitá-las em três grupos de efeitos de sentido: risco, impacto e drama, que serão apresentados a seguir.

#### 4.1 O sentido de risco

As possíveis consequências das mudanças climáticas são apresentadas no sentido de risco da angulação alarmista nas sequências discursivas a seguir. Em relação a esse risco, Grimm (2016) ressalta que, em decorrência das discussões sobre a mudança climática concentrarem-se nas prováveis causas do aquecimento planetário, o enfrentamento das condições de risco e a vulnerabilidade costumam ser elementos relativamente ignorados.

A reportagem 1 traz elementos que evidenciam esse tom de risco. Na SD1 observa-se a tendência dos próximos anos serem mais quentes em virtude das mudanças do clima. Nessa perspectiva, há na construção do discurso que segue, um alerta para os efeitos que esse aquecimento pode vir a causar.

**SD 1: 2014 era o mais quente até então e é possível que haja uma sucessiva quebra de recordes nas próximas décadas.**

**SD 8: O aumento do nível do mar trará riscos ainda maiores com o tempo - talvez mais cedo do que a maioria dos pesquisadores esperava.**

A significativa presença de termos que elucidam prováveis acontecimentos se repete na SD8, pertencente à reportagem 3 “Elevação dos mares preocupa Nasa”. Assim, ambas sequências constroem sentidos de risco em um contexto de espera dos impactos causados pelo aquecimento. De maneira bastante semelhante ao funcionamento observado na sequência anterior, a SD8 indica que a ameaça decorrente desse aquecimento é uma elevação do nível do mar, o que provocará riscos ainda maiores com o

---

<sup>8</sup> As sequências discursivas serão apresentadas em ordem cronológica de cada reportagem. Reiteramos que devido a uma questão de espaço, nem todas as SDs mapeadas serão retratadas. Serão apresentadas apenas aquelas avaliadas como as mais representativas dos sentidos encontrados.

tempo e, junto a isso, há uma ênfase à antecipação dos efeitos negativos atrelados à mudança climática, ressaltados na voz de pesquisadores.

Nota-se o potencial da alteração climática no que se refere aos problemas resultantes às mudanças. A partir disso, a interdiscursividade é construída nestas sequências, ao passo que, o sentido de risco é efetuado por meio da referência ao aquecimento, estabelecido como já sendo de conhecimento de todos. Um apontamento de Martinez (2016) quanto a essa memória discursiva é que para o leitor, por vezes, essa característica antropogênica da mudança do clima pode parecer subjetiva.

A partir da construção de sentidos que concerne nos problemas vinculados ao aquecimento, temos também na reportagem 11 “Morte de insetos põe agricultura em risco”, essa alteração no clima como um dos fatores de discussão de riscos. A SD1 denota os riscos que envolvem a dimensão econômica:

SD 1: A população de abelhas e outros insetos polinizadores está diminuindo em todo o mundo, **o que faz cientistas correrem para calcular o impacto** na agricultura e de possíveis soluções.

Essa previsibilidade de custos na economia brasileira, devido ao declínio na população de insetos polinizadores, frisa o discurso em que a questão climática está normalmente associada a enormes perdas e despesas. A SD1 reforça ainda esse alarme de risco ao expor que os cientistas estão analisando as prováveis medidas que podem ser tomadas diante dessas alterações.

Ainda que essas sequências discursivas tenham seu enfoque nos impactos que podem vir a acontecer, a *Folha* busca por meio do interdiscurso realçar acontecimentos alarmantes, como o aquecimento global. Ao debater esses riscos, o jornal busca dar um destaque às consequências das alterações do clima, porém sem aprofundar em seu discurso o debate quanto às responsabilidades por tais mudanças.

## 4.2 O sentido de impacto

O sentido de impacto na angulação alarmista está associado à culpabilização de algum evento, principalmente catástrofes e sinais de mudanças climáticas. Relatórios científicos e entrevistas com pesquisadores embasam as reportagens e possibilitam que

esses sejam revestidos de veracidade, construindo, assim, sentidos sobre as modificações climáticas. O sentido de impacto, em linhas gerais, aborda algum evento climático que gera prejuízo econômico, ambiental ou social.

Exemplo de sentido de impacto é a reportagem 1, “2015 foi o ano mais quente desde 1880” que indica o aumento recorde da temperatura média global. Em seus gráficos e ilustrações predomina a cor vermelha, associada ao aquecimento global e, segundo a psicologia das cores<sup>9</sup>, associada ao perigo e à urgência, indicando que o problema deve ser tratado com rapidez e, sobretudo, com a atenção dos leitores sobre o assunto. A partir dessas considerações é possível afirmar que a reportagem elucida um aviso sobre a mudança climática em efetivação, como indicada pelas seguintes SDs.

SD 2: As **expectativas se confirmaram** e 2015 foi o ano mais quente já registrado.

SD 11: Um dos principais responsáveis pelo novo recorde é o El Niño, **fenômeno natural e cíclico** decorrente de um aquecimento das águas do pacífico e que bagunça o clima em diversas partes do mundo, inclusive provocando temperaturas altíssimas.

SD 13: Outro culpado, segundo cientistas, é o aquecimento global **provocado pela ação humana**.

A SD2 aponta a existência de uma espera preliminar deste resultado, o que agrava o sentido de impacto, pois a partir dessa sequência se pré estabelece que o aquecimento global é uma tendência já imaginada pelo senso comum. Se pressupõe, desse modo, que o leitor possua uma memória discursiva que indique um conhecimento prévio sobre mudanças climáticas. Na SD11, há uma culpabilização pelo recorde de temperatura média global, em primeiro momento, atribuído a uma causa natural: o fenômeno El niño que altera o clima de diversas formas no mundo todo. O sentido de impacto é estabelecido na SD13 pela marca discursiva que aponta a ação humana como causadora do aquecimento global. Diferentemente da sequência explicitada anteriormente, nessa, o tom de alarme se volta às ações já concretizadas que interferem no clima.

Em ambas SDs houve uma busca por denunciar o culpado pelas alterações do clima. O mesmo desejo de responsabilizar é notada na SD3 da reportagem 5, em que há a atribuição de um percentual da culpa nas mudanças climáticas.

---

<sup>9</sup> Ver “Introdução a teoria da cor”: <<http://riut.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1582>>.

SD 3: Mas hoje, enquanto uma **grave seca amplificada pela mudança climática** reduziu os níveis de água ao mínimo já registrado, Kariba está gerando tão pouca energia que os **blecautes paralisam as empresas já abaladas do país**.

A SD3 informa das dificuldades geradas pela mudança climática e tem o impacto revelado por um viés com mescla do econômico e do social. A sequência discursiva, componente dessa reportagem trata sobre a desestruturação da nação africana por meio da seca, indicada por uma narrativa humanizada, o que aponta para um impacto de coação e empatia de uma nação culturalmente diferente, e alerta que, caso não sejam contidas, casos como estes podem vir a abater outras nações.

O alerta de necessidade de contenção dos problemas também é presente na SD1 da reportagem 6, que reafirma o sentido de agravamento das mudanças climáticas, utilizando-se da tática de comparação de temporalidades. Ao contrapor dois momentos distintos cria-se um efeito discursivo de acentuação das alterações climáticas. O jornal informa da vulnerabilidade humana sobre esses eventos ao expor a constância dessas modificações.

SD 1: Os incêndios florestais que **antes se limitavam** a uma estação, **tornaram-se uma ameaça constante** em muitos lugares do mundo.

SD 3: **Um dos principais culpados é a mudança climática**. Invernos mais secos significam menos umidade na terra, e as primaveras mais quentes estão secando a umidade com mais rapidez, transformando arbustos em capim.

A SD3 indica o responsável pelos incêndios, buscando explicar o encadeamento de motivações que levaram ao problema, se caracterizando, como reflexo da prática jornalística de apuração. A mesma busca por culpabilização pôde ser observada nas demais sequências coletadas, inclusive naquelas não analisadas no *corpus*. Ao falar dessa prática Bueno (2007) afirma que a procura de responsáveis pelos problemas ambientais é característico do jornalismo efetuado por grandes veículos de comunicação. A visão do autor é confirmada, ao passo em que analisadas as sequências das reportagens todas as 11 reportagens utilizam da culpabilização em seus textos. Partindo desse pressuposto, a construção do efeito de impacto na *Folha* é realizado, em parte, usando-se da responsabilização de algo ou alguém. O veículo se usa da tática para embasar as matérias com legitimidade discursiva. A culpabilização da ação humana pode ser considera-

da branda, sem que haja a aproximação do leitor com a culpa, e conseqüentemente, do indivíduo e das soluções que possam reverter os problemas climáticos.

A *Folha* também elucida o sentido de impacto ao abordar uma previsibilidade perante as mudanças climáticas. Portanto, esse sentido denota o uso da culpabilização, da previsibilidade e dos avisos baseados em narrativas que contam histórias das modificações climáticas no mundo.

### 4.3 O sentido de drama

A presença do sentido de drama na angulação alarmista demonstra a aproximação do discurso jornalístico com a notícia-espetáculo, caracterizada pela busca de audiência por meio de uma narrativa sensibilizante. Como o alarmismo é caracterizado pelo noticiamento de desastres, eventos extremos e avisos, reportagens de tal ângulo podem ser usadas para busca de maiores vendas, como menciona Bueno (2007). Este sentido pode ser notado na narrativa de ocorrência de eventos catastróficos, como a necessidade de migrações forçadas e ocorrência de mortes, por exemplo.

A sequência da reportagem 2, que usa desse recurso ao citar suas fontes, apresenta esse sentido em sequências que exprimem uma opinião individual.

SD 38: “**O pior aconteceu**” disse Cobb. Isso mostra como as mudanças climáticas e o aquecimento estão afetando esses recifes no longo prazo. Esse recife **talvez nunca volte a ser como antes**”.

SD 10: “Uma crise planetária está se aproximando, e **nós estamos enfiando a cabeça na areia**” disse Justin Marshall.

Ao utilizar como abertura da sequência 38 e da citação “o pior aconteceu” o jornalista faz uma escolha discursiva impactante, pelo uso do negativismo na fala da fonte. Ao fazer tal afirmação, entende-se que dificilmente se reverterá o desequilíbrio ambiental abordado. Essa compreensão é reafirmada novamente no fim da sequência, quando a fonte alerta da possibilidade da irreversibilidade do problema. A SD10, da mesma reportagem que a sequência anterior, também é uma citação de uma fonte, que utiliza a gíria “enfiar a cabeça na areia” para exprimir um sentido de indiferença da população mundial quanto às alterações climáticas. O uso da primeira pessoa no plural atinge dramaticamente o leitor, a quem recai a responsabilidade por parte da indiferença.

O uso do drama também é forte na reportagem 9 “Fim de lago ameaça identidade cultural” que conta a história de desestruturação de um povo indígena boliviano. O drama atinge o leitor novamente pela citação da fonte. O questionamento do indígena Adrián Quispe (SD5), remete a sentimentos de desamparo e desespero. Ao questionar a sua sobrevivência ele sensibiliza o leitor que se prende a narrativa dada pelo repórter.

SD 5: “Sem o lago onde vamos?” (Adrián Quispe)

SD 15: “Mas será que o povo do lago pode existir sem lago?” (Carol Rocha Grimaldi)

O questionamento de Grimaldi (SD15) retoma a dúvida de Quispe, ao questionar a capacidade de sobrevivência de um povo e de sua identidade. A SD17, retirada da reportagem 5, aborda a sobrevivência do povo zambiano em meio a uma estiagem que assolou o país e parou hidrelétricas. A sequência, diferentemente dos casos anteriores, possui o sentido de drama explicitado por um enunciado que remete ao negativismo, ao afirmar ser “a pior seca em décadas”.

SD 17: Os problemas na usina derivam de um padrão climático ligado ao El Niño, que **causou a pior seca em várias décadas** em partes da África.

A sensibilização ocorre nesse caso, por abordar a seca como a pior, o que faz com que a reportagem seja sobre qualquer estiagem, mas sim sobre a mais danosa. O leitor se interessa pelo tema em decorrência da aparência catastrófica oferecida pela narrativa.

Assim, a partir da análise deste sentido, o drama se faz presente em reportagens (geralmente humanizadas) que tenham temáticas de alterações climáticas que afetam o ser humano de forma direta. Ela pode ocorrer na própria narrativa, misturada a outro sentido, onde as escolhas discursivas impactem o leitor por sua aparência. Entretanto, em maior parte, o sentido pode ser observado nas citações de fontes, sempre em frases impactantes, onde essas explicam os problemas que os atingem. A escolha discursiva do jornalista por tais frases de efeito caracterizam o uso da espetacularização da reportagem pela *Folha*. São, desse modo, segundo Marcondes Filho (1986) revestidos de uma aparência específica que irá guiar o leitor para determinado fim, no caso, aliar o interesse por audiência com o noticiamento das mudanças climáticas.

## 5. Considerações finais

Partindo da compreensão de que os enquadramentos discursivos permitem interpretar simbolicamente o campo jornalístico, organizando marcas de seleção, ângulo e ênfase (MORAES, 2015) averiguamos o modo de construção de sentidos na narrativa jornalística da *Folha de São Paulo* em reportagens sobre mudanças climáticas de angulação discursiva alarmista. O mapeamento abrangeu todo o ano de 2016.

Com o aporte metodológico da análise do discurso foram investigadas as sequências discursivas das 11 reportagens alarmistas da *Folha*, sendo eleitas 14 SDs mais representativas que pudessem nos guiar perante o estudo da construção dos sentidos. Essas sequências revelaram três sentidos discursivos, que se atrelam entre si na maior parte das reportagens: de risco, impacto e de drama.

O sentido de risco não aprofunda o debate das alterações do clima em busca de responsáveis, afinal, seu interesse é mostrar ao leitor as futuras alterações no clima e como elas podem afetá-lo. O sentido de impacto, diferente do primeiro, busca responsáveis pelas modificações climáticas já ocorridas, é revestida de uma narrativa sensibilizante que relembra a história dessas mudanças e prevê problemas para o futuro. Por fim, o sentido de drama, é observada pelo uso de um discurso altamente sensibilizante e da noção de notícia-espetáculo. Entretanto, diferente do que acredita Coan (2011), a espetacularização é utilizada pelo veículo analisado para sensibilizar o relato da narrativa humanizada, porém, sem infringir os preceitos jornalísticos observados pelo jornalismo de referência.

## 6. Referências

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (org.). 2. ed. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, pp. 107-122.

BUENO, W. C. **Jornalismo ambiental**: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e meio ambiente**. Editora UFPR. n. 15, p. 33-34, jan./jun. 2007.

COAN, E. I. A informação como mercadoria e a estetização da notícia na sociedade contemporânea. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.16, n.30, p.19-35, 2011.

DORNELLES, B. **O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental**. Brazilian Journalism Research. Vol. 1, n. 1, jul./dez. p. 121-131, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167>> Acesso em: 23 de julho de 2017.

GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa. Caminhos e des-caminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**. Editora C&S São Bernardo do Campo. v.34, n.1, jul./dez. 2012.

GRIMM, Isabel Jurema. **Mudanças climáticas e turismo: estratégias de adaptação e mitigação**. 249 f. Tese de Doutorado em Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade) da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. **Série Jornalismo a Rigor**. V. 5. Florianópolis: Insular, 4º ed. rev. e atual., p. 107, 2012

MANUAL da Redação: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, p. 24, 2007

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MARTÍNEZ, Joyde Giacomini. A governança climática na região metropolitana de Curitiba. Uma perspectiva crítica interdisciplinar. 269 f. Tese de Doutorado em Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade) da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

MOLINA, Matías. **Os melhores jornais do mundo**: uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Globo, 2007

MORAES, Cláudia Herte de. **Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, Isto É, Época e Carta Capital**. Tese de Doutorado (PPGCOM). UFRGS, 2015.

\_\_\_\_\_. **Rio+20 entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos nas revistas brasileiras. Bauru: Canal 6 editora, 2016. Disponível em: <[http://www.canal6.com.br/livros\\_loja/Ebook\\_Rio20.pdf](http://www.canal6.com.br/livros_loja/Ebook_Rio20.pdf)> Acesso em: 18 de julho de 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. p. 86

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008. Edição Original 1983.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, p. 32/36, 1986.

ZAMIN, A. **Jornalismo de referência**: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set.- dez. 2014.



